



GT 038. Famílias em perspectiva: filiação, parentalidades e outras formas de conectividade

Leandro de Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais) - Coordenador/a, Alessandra de Andrade Rinaldi (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) - Coordenador/a, Flávio Luiz Tarnowski (Universidade Federal de Mato Grosso) - Debatedor/a

Este GT é motivado pelo cenário contemporâneo de controvérsias públicas envolvendo família, gênero, sexualidades e direitos. O grupo discute a família enquanto modo de conectividade localizado (modulado por marcadores como geração, classe social, religião, etc) e enquanto símbolo político disputado. Abordaremos temas como conjugalidades, parentalidades, adoção e relações com a família de origem, examinando reconfigurações das conexões entre público e privado. A proposta é focalizar nexos entre cenários político-culturais, movimentos sociais, micropolíticas do cotidiano, interações e relações de poder em contextos plurais, com atenção a experiências relativas ao exercício parental entre sujeitos com diferentes orientações sexuais e identidades de gênero. Quais são os percursos trilhados por casais (ou por pessoas fora de parceria conjugal) ao construir a filiação como projeto (ou ao rejeitar e/ou abdicar de filhos preteridos)? Como operam as formas de parentalidade exercidas por pessoas LGBT e sobre pessoas LGBT? De que forma discursos científicos, jurídicos e políticos têm abordado estes temas? Serão acolhidos estudos que abordem: conflitos, manutenção de laços e discursos sobre emoção no cotidiano da casa e dos grupos domésticos; usos políticos da noção de família, moralidades e a produção de discursos de verdade; produção e ruptura de laços no âmbito das práticas jurídicas; enlances entre família, direitos sexuais e laicidade do Estado.

‘É como se fosse da família’: relações entre patroas e trabalhadoras domésticas remuneradas nas políticas afetivas e negociações familiares e trabalhistas cotidianas

Autoria: Thays Almeida Monticelli

Ter uma trabalhadora doméstica remunerada que é “parte da família” já foi analisado como um fetiche por Kofes (2000), como uma forma de poder senhorial por Farias (1983), como formas simbólicas servilistas por Saffioti (1978), como forma de proteção e obediência por Graham (1992) e denunciada como uma prática abusiva pelas sindicalistas da categoria. Essa frase é uma constante nos estudos sobre o tema e por mais que ela já tenha sido demasiadamente problematizada, suas críticas vinculadas em diversas mídias, ainda foi possível escutá-la nas narrativas nas patroas entrevistadas na pesquisa de doutorado realizada em Curitiba (2013-2017). O anacronismo da frase “quase da família” nos desperta, por um lado, para um conservadorismo ao supor que as relações afetivas e de lealdade fizesse com que as diferenças de classe, étnico-raciais e as explorações derivadas de uma relação trabalhista pudessem “desaparecer”, ou ao menos, não fazer sentido frente a todo o afeto construído por anos, gerações entre a trabalhadora e a família empregadora e, por outro lado, nos faz questionar os pressupostos de intimidade que são construídos nessa relação, já que a trabalhadora acessa uma extensão simbólica do “eu” da patroa ao adentrar o campo “familiar”. (FESKI, 2000). O ato de cuidar, observar, dar atenção envolve muitas interações entre os sujeitos, o preparo dos alimentos, a atenção ao detalhe para agradar, o toque corporal, o abraço entre a criança e a trabalhadora doméstica remunerada, o chá servido na cama quando a patroa está doente, os medicamentos doados pela patroa quando a trabalhadora precisa, as compreensões de faltas e atrasos por motivos pessoais, moldam as percepções dos sujeitos frente ao contexto do work doméstico remunerado. No entanto, é preciso lembrar que essas interações afetivas estão inseridas em relações de poder. Se as trabalhadoras



agenciam os afetos em prol de melhores condições de work, onde são respeitadas e não passam por determinados tipos de opressões, diferenciações e hierarquizações, as patroas entrevistadas ainda o veem como uma forma de estabelecer laços extremamente fortes, onde estes fazem mais sentido do que propriamente alguns direitos trabalhistas, configurando um quadro de obediência e servilismo. Nesse sentido, esse artigo tem por objetivo analisar as narrativas de empregadoras e trabalhadoras domésticas remuneradas perante a ideia do pertencimento e posicionamento familiar, compreendo as intimidades, os afetos, a nostalgia, as doações, apadrinhamentos, filhos de criação, direitos na rede de negociações cotidianas familiares, compreendendo assim toda uma gama de interações e desigualdades a partir do cuidado e de uma “cultura da domesticidade”.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

